

AMADOS gatos

JOSÉ JORGE LETRIA

5ª edição

PICASSO,
HEMINGWAY,
DE GAULLE,
MARILYN MONROE,
ANNE FRANK...

HÁ SEMPRE UM GATO
POR DETRÁS DE UM
GRANDE NOME.

OFICINA
DO LIVRO

Ficha Técnica

Título: Amados gatos
Autoria: José Jorge Letria

© 2005, José Jorge Letria e
Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º2
2610-038 Alfragide • Portugal
Tel. 21 041 74 10, Fax. 21 471 77 37
E-mail: info@oficinadolivro.pt

Revisão: Henrique Tavares e Castro
Capa: Neusa Dias / Oficina do Livro
Imagem de capa: © Roland Penrose – The Penrose Collection
Fotografia: Contraste
ISBN: 9789895556090

www.oficinadolivro.pt

Aos gatos da minha casa, que velaram por mim enquanto eu escrevia este livro.

Gostava de escrever tão misteriosamente como um gato.
Edgar Allan Poe

Se souberem ser dignos de um gato, ele tornar-se-á vosso amigo, mas nunca vosso escravo.
Théophile Gautier

Pouco a pouco, os gatos tornam-se a alma da casa.
Jean Cocteau

ALEXANDRE, O GATO E O ADEUS

(Há miar e miar, há ir e voltar)

O gato, vendo o poeta de ombro apoiado na ombreira a observar a feira cabisbaixa em seu redor, acercou-se dele e perguntou-lhe, no murmúrio ronronado que costuma servir de preâmbulo às grandes questões metafísicas:

— Servos ou donos?

O poeta, por achar a pergunta demasiado enigmática, contornou a resposta afagando-lhe o dorso e dizendo:

— Deves estar cheio de fome, o teu mal é fome, e eu não tenho forma de remediar esse problema, porque não sou rato, nem peixe, nem pássaro estonteado pela luz. Eu sou apenas um pobre poeta de ombro na ombreira.

Mas o gato, apurando o gutural e afectuoso rom-rom, insistiu:

— Sei bem ao que venho, sim, porque eu nunca me esqueço dos versos que me são dedicados. Eu bem me lembro das tuas palavras, Alexandre: *Que fazes por aqui, ó gato? / Que ambiguidade vens explorar?* Quem sou eu, meu caro Alexandre, para te deixar sem resposta, logo a ti, meu poeta de Lisboa, de coração amarfanhado pela tenaz da mais irónica ternura?

Foi então que Alexandre se lembrou do gato do poema, dessa coisa ágil e esquiva, soberana e livre, em forma de assim, fugaz como um golpe de vento, rebelde como uma metáfora imprevista.

— Tantas vezes te deixei utilizar esta mão — disse — que cheguei a acreditar que, quando escrevesse um poema sobre ti, serias tu mesmo a escrevê-lo, de forma mediúnica, usando o movimento pausado da minha mão sobre o papel.

O gato, esse mesmo, o do poema, roçou a cabeça pelas pernas do poeta, impregnando-se com o seu cheiro, com o perfume das suas palavras exactas e limpas, e depois aventurou-se num breve monólogo de bicho filosofante. Assim:

— É como te digo, Alexandre, tu e eu temos em comum este vício felino de sermos livres, nas palavras, nos gestos, nos silêncios. Um dia, tu partes e eu fico para aqui abandonado a miar à lua, como se perguntasse por ti. Um dia, eu parto e tu ficas sem gato a quem possas dedicar o poema, órfão de gato, nostálgico da sua arqueada liberdade arrastada sobre os telhados como uma confissão de nocturnos cios.

O poeta, emocionado com a enleante sabedoria do gato, esse mesmo, o do poema, só conseguiu perguntar-lhe:

— Afinal, vamos lá a saber, o poeta és tu ou sou eu?

Ao que o gato respondeu:

— Somos os dois, Alexandre, somos os dois, cada um à sua maneira. Tu no que escreves e eu no que não escrevo mas vivo. Temos este destino comum a ligar-nos como uma ponte, como uma centelha de luz, como um arame a juntar as duas extremidades da lua nova.

Alexandre, o poeta, só encontrou uma forma de lhe responder:

— Há miar e miar, há ir e voltar.

Ainda a frase não se deixara concluir e já o gato se empoleirara sobre o parapeito de uma janela, muito perto da ombreira da porta, posto de observação do poeta para ver a feira a ficar cada vez mais cabisbaixa, por falta de esperança para erguer de vez a cabeça em direcção ao sol.

Do gato nunca mais o poeta teve notícias, nem em prosa nem em verso, e quando, num sisudo dia 21 de Abril, o coração do poeta, como um gato triste e cansado, se recusou a levar por diante a faina de estar vivo, houve quem avistasse um velho gatarrão sobre o parapeito da

janela do hospital, murmurando com a sapiência do seu estilo ronronado:

— Há miar e miar, e tu, Alexandre, hás-de voltar, porque um gato sem o seu poeta de estimação fica prometido à morte como um pardal à inclemência do relâmpago.

E quando alguém, aproximando-se dele, quis saber “o que fazes por aqui, ó gato?”, o bichano, arqueando-se para o derradeiro salto na direcção da lua, respondeu apenas:

— Perguntem ao Alexandre, ao O’Neill, que só ele sabe. Os poetas é que sabem. É dos livros.

O GATO DE JACOPO BASSANO

Cristo, sempre atento aos vícios e outros excessos terrenos, surpreendeu uma noite o pintor Jacopo Bassano enquanto retocava uma tela, e disse-lhe com uma voz cuja doçura não excluía o leve ferrete da reprovação:

— Apesar da minha bíblica humildade, devo dizer-te que me incomoda o facto de, nos teus quadros, rivalizar com minha presença divina a imagem do teu gato.

Não esperando tal reparo e muito menos tão transcendente e inusitada visita, Jacopo Bassano tentou encontrar as palavras certas para responder àquele que tanto venerava e a quem já várias vezes encomendara a sua alma pecadora. Ele sabia que só a protecção divina o tornara quase tão importante e requisitado como Tintoretto e Veronese, grandes entre os maiores pintores do seu tempo e, como ele, amantes dos domésticos felinos.

Menegheto, o companheiro da sua solidão habitada por tintas e imagens sacras, já partilhava o conforto da sua morada ia para dezasseis anos. Quantos anos viveria ainda? Acarinhado e bem alimentado, sem ter que caçar ratos junto das águas fétidas dos canais, poderia durar ainda mais dois ou três anos.

Jacopo Bassano hesitara, inicialmente, antes de o transformar em discreta personagem das suas telas meticulosamente imaginadas e pintadas. Depois pensara: “Que mal pode haver na presença do meu gato nos quadros que pinto, se essa presença é discreta e não ofusca nenhuma outra?”. Foi assim que Menegheto passou a ter lugar cativo na sua obra, representando uma liberdade e uma soberania que nunca caracterizaram, por exemplo, o

cão que também pintou dormindo tranquilo debaixo de uma mesa da sua casa.

Agora, a presença física do filho de Deus deixava-o estupefacto e, sobretudo, seriamente embaraçado.

— Senhor, nunca me atrevi a imaginar que a presença do meu gato nas telas, jamais as de tema sacro, pudesse incomodar-vos — disse o pintor.

— Mas a verdade é que incomoda — respondeu Cristo, sempre num tom complacente e suave —, pois não devem misturar-se na tua pintura, que tem um inegável sopro divino, o mundo celeste e o mundo terreno, com a sua pequenez e irremediável finitude. Sem que disso te dê conta, introduzindo com tanta frequência o teu gato nos quadros que pintas e nos seus enredos, acabas por te transformar mais num pintor de felinos do que num pintor de anjos e de outras figuras imortais e intemporais.

— Mas que hei-de eu fazer, Senhor?

— Porque não guardas a presença, por certo graciosa e bem intencionada, do teu gato para um quadro em que representes o eternamente generoso e humilde São Francisco de Assis, já que esse tinha a virtude rara de conseguir falar com os bichos, com as árvores e com as águas dos rios? Por certo havias de cair nas suas franciscanas graças.

— Assim farei, Senhor, logo que para tal me surjam inspiração e ensejo.

Ainda Jacopo Bassano não concluía a sua lacónica resposta, já Cristo se volatilizara, deixando-o a braços com um dilema: havia de manter Menegheto nos seus quadros ou havia de o reduzir à insignificância de uma discreta presença física nos seus aposentos, afastando-o, desse modo, do patamar da posteridade?

Nesse instante, Menegheto roçou-se pelas pernas do dono e disse-lhe:

— Meu amo, há mais de um ano que não pintas uma tela em que eu esteja presente. Será que a minha velhice me